

Introdução

As histórias de uma fotografia (Bombaim, 1885)

No dia 13 de Dezembro de 1885, *L'Illustrazione Italiana*, jornal de grande difusão em Itália, dedicou meia página a um desenho feito a partir de uma fotografia recebida de Bombaim (figura 1).¹ Tal como revelou a legenda, tratava-se do «professor Angelo De Gubernatis entre os brâmanes de Bombaim». Os três «brâmanes» – Gerson da Cunha, Shyamaji Krishnavarma e Bhagvanlal Indraji – surgiam identificados, apesar de a ortografia dos dois nomes indianos não ter sobrevivido a esta passagem para a Europa. Um breve texto procurava explicar o sentido de uma imagem que, sozinha, seria de difícil compreensão para a maior parte dos leitores. O ilustre filólogo e indianista Angelo De Gubernatis (1840-1913), professor de sânscrito e de literatura indiana em Florença – que estava naquele momento a viajar pela Índia para estudar os costumes, as línguas, os mitos e as tradições religiosas daquele povo «tão misterioso e interessante» – tinha sido consagrado brâmane (figura 2).

A fotografia – realizada no estúdio fotográfico de um parsi de Bombaim no dia 10 de Outubro de 1885, ou seja, dois meses antes da sua reprodução litográfica no jornal ilustrado – tinha sido o epílogo de uma cerimónia religiosa em que o sacerdote sanscritista Bhagvanlal Indraji investira o seu colega europeu como brâmane, algo que implicava o domínio do saber religioso hindu.² Tendo em

¹ «De Gubernatis Brahmino», *L'Illustrazione Italiana*, XII, n.º 50, 13 de Dezembro de 1885, 378-380. Uma primeira versão da introdução foi apresentada no colóquio «Imagem e diferença: entre a identificação do outro e o conhecimento de si mesmo», organizado por Ângela Barreto Xavier e Nuno Senos (ICS-Centro de História de Além-Mar, Lisboa 2007).

² Angelo De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. 1, *India Centrale* (Florença: Tip. Editrice di L. Niccolai, 1886, 91).

conta que o hinduísmo não prevê a conversão e que só podem ser brâmanes aqueles que nascem no interior de tal casta, tratava-se, na realidade, de uma cerimônia de purificação. Através dos rituais de iniciação levados a cabo por Bhagvanlal Indrají, esse, sim, um brâmane e sacerdote, Gubernatis passava a poder aproximar-se do sagrado, o principal objectivo da sua viagem à Índia, com uma outra legitimidade. A ideia de Gubernatis ser fotografado vestido de brâmane, ao lado de Bhagvanlal Indrají e de Gerson da Cunha, surgira depois de terem visitado juntos um crematório hindu e um templo jaina da cidade de Bombaim. Segundo Gubernatis, fora o próprio Bhagvanlal a oferecer-se para transformar aquilo que poderia ter sido um mero acto de se vestir de brâmane hindu num verdadeiro ritual de iniciação religiosa onde lhe foi atribuído o cordão sagrado dos brâmanes.³

Poucos dias após a realização da fotografia, Gubernatis foi homenageado e eleito sócio numa das mais importantes instituições de saber da Índia Britânica – a Royal Asiatic Society de Bombaim –, da qual faziam parte apenas três indianistas europeus. Gubernatis podia, assim, orgulhar-se de ter sido reconhecido orientalista entre os orientalistas locais. Mas isto não era suficiente. Era a Itália que ele ia regressar e era ali que pretendia afirmar a sua autoridade científica e o seu estatuto de intelectual cosmopolita que se movia entre uma Itália recém-criada, que ajudara a unificar, e o resto do mundo em relação ao qual pretendia ser um intermediário.

Os progressos contemporâneos a nível da reprodução e circulação de imagens e textos, que permitiam aumentar a ressonância da viagem num espaço público e visual globalizado, foram bem aproveitados por um Gubernatis empenhado numa estratégia de autopromoção e de distinção social. A imagem foi exposta em diferentes contextos de recepção: *vista* pelos leitores da popular *L'Illustrazione Italiana*, que precisamente naquele ano de 1885 tinha as suas páginas repletas de imagens de Massaua e de Assab, primeiros ensaios africanos de uma Itália que também queria ser colonizadora; mas também *lida* por aqueles que, não tendo visto a imagem em si, tinham lido uma descrição da sua realização.

³ Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (BNCF), Manoscritti, Angelo De Gubernatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fl. 86.

Em Calcutá, o músico Pramod, filho do conhecido Sourindro Mohur Tagore, fundador da Bengal Academy of Music, lera com grande interesse a descrição que Gubernatis fizera da cerimónia no *Bombay Gazette* e estava «orgulhoso de ver a sua devoção à nossa querida Índia».⁴ Os ecos da investidura bramânica, como Gubernatis denominara a cerimónia de purificação, também chegaram ao Rio de Janeiro: D. Pedro II, imperador do Brasil, escreveu a Gubernatis, em italiano, a pedir-lhe que não se esquecesse de lhe enviar uma das fotografias «onde se fez fotografar de brãmene ao lado de Bhagvanlal e Gerson da Cunha»; por outro lado, o imperador lamentou não ter nada para lhe enviar, pois o estudo do sânscrito no Brasil não passava de uma curiosidade de alguns filólogos.⁵ A única reacção negativa à imagem, que conhecemos, manifestou-se em relação ao contexto escrito em que ela foi apresentada na *L'Illustrazione Italiana*. E veio da parte de um dos seus protagonistas: José Gerson da Cunha (1844-1900; figura 3).

O médico e intelectual goês, estabelecido em Bombaim, conhecera Angelo De Gubernatis em 1878, quando fora o único indiano a participar no IV Congresso Internacional de Orientalistas que tivera lugar em Florença. Num Oriente de fronteiras incertas, que se movia ao sabor dos diferentes contextos políticos e dos interesses pessoais daqueles que organizavam os congressos, a Índia fora a clara protagonista das conferências proferidas no evento florentino, assim como da *Esposizione Orientale* organizada simultaneamente, num dos palácios dos Medici. Em Florença, nascera uma amizade intensa, feita de cumplicidades intelectuais e de demonstrações de admiração mútuas. Depois de sete anos de correspondência trocada entre Florença e Bombaim, reencontraram-se ambos finalmente em solo indiano em 1885. Gerson da Cunha pôde, então, retribuir ao amigo a hospitalidade, tornando-se no seu principal intermediário e guia em Bombaim: apresentou-o ao seu vasto círculo de amigos e eruditos, acompanhou-o em excursões etnográficas e arqueológicas, introduziu-o no mundo multirreligioso da cidade, e ajudou-o na obtenção de peças para o Museu Indiano (*Museo Indiano*) que Gubernatis pretendia criar no seu regresso a Florença.

⁴ BNCF, Manoscritti, Carteggio Angelo De Gubernatis, Cass. 154, Carta de Pramod Kumar Tagore (Calcutá, Pathuria Ghata Raj Bati, 18 de Novembro de 1886).

⁵ BNCF, Manoscritti, Carteggio Angelo De Gubernatis, Cass. 154, Carta de D. Pedro d'Alcântara (Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1886).

Mas deste encontro indiano, tão desejado por ambos, surgiram alguns desentendimentos que só foram assumidos quando Gubernatis regressou a Itália e lhe escreveu tudo aquilo que na Índia não lhe dissera. Na carta de resposta, uma missiva irada e sofrida que dividiu a correspondência de ambos entre um antes e um depois, Gerson da Cunha retribuiu-lhe as acusações: «Pediste-me meu consentimento para me chamar gentio na *Illustrazione Italiana*?», perguntou a Gubernatis.⁶ Claramente, Gerson da Cunha não gostara de se ter visto incluído naquilo que a legenda da fotografia designava como sendo os «brâmanes de Bombaim». Apesar de o texto jornalístico que acompanhava a imagem acrescentar que Gerson da Cunha era um «brâmane cristão de Goa», que já estivera em Itália para participar no congresso de orientalistas, e apesar de o seu nome estar antecedido do título de «doutor» que o identificava como médico, a legenda da fotografia, mais visível e mais próxima do seu retrato, já não recorria à palavra «cristão». A palavra «gentio» não estava escrita em lado nenhum. Mas, Gerson da Cunha tinha consciência de que, para a maioria das pessoas, ser brâmane era ser hindu e não ser cristão, e portanto significava ser «gentio» e isso constituía um insulto, no contexto católico goês onde tinha crescido.⁷ O que é que tinha ofendido Gerson da Cunha? O ter-se visto representado de um modo com o qual não se identificava ou a possibilidade de os outros, neste caso «europeus» e «católicos», o terem visto como aquilo que ele não era? Com que observadores é que Gerson da Cunha estava preocupado? Com os italianos que escolhera como a sua Europa, e que uns anos antes o tinham visto ser agraciado pelo Papa por ser um bom cristão? Ou com os goeses que, em Goa ou em Bombaim, tinham ficado surpreendidos por verem um católico vestido de brâmane hindu numa fotografia que não parecia ter intenções carnavalescas?

O mais surpreendente é que, um ano antes da zanga entre os dois, pouco tempo depois de terem tirado a fotografia, Gerson da Cunha escrevera de Bombaim para Gubernatis, que ainda se encontrava a viajar pela Índia, a anunciar-lhe o envio das «duas fotografias do grupo gentílico» que constituíam o seu «quinhão da

⁶ BNCF, Manoscritti, Carteggio Angelo De Gubernatis, Carta de José Gerson da Cunha, n.º 44 (Bombaim, 39 Hornby Road, 13 de Julho de 1886).

⁷ J. Gerson da Cunha, *The Konkani Language and Literature* (Bombaim: Government Central Press, 1881).

empresa fotográfica».⁸ Na carta ao amigo, num contexto propício à intimidade e à ironia, Gerson da Cunha podia referir-se com humor ao «grupo gentílico», do qual ele também fizera parte, como sendo uma encenação consciente feita por homens unidos por laços de amizade e de erudição, que pareciam assim querer ultrapassar diferenças religiosas, nacionais ou étnicas. Mas, uma vez exposta a reprodução da fotografia num jornal italiano, Gerson da Cunha tinha consciência de que a sua identidade poderia ser percebida de outros modos: enquanto um dos três indianos, supostamente hindus, que serviam para contextualizar Angelo De Gubernatis no lugar geográfico de onde enviara a fotografia. Num jornal de grande divulgação publicado em Itália, Gerson da Cunha passara a fazer parte dos sábios exóticos de um país longínquo, os quais, ao representar a Índia como um adereço visual, legitimavam o saber do ilustre indianista italiano. A reacção de Gerson da Cunha às possíveis leituras da imagem exibida publicamente revela como a concretização da fotografia não conseguira pacificar os conflitos que a antecederam.

Assim, se a imagem, a sua legenda e o seu texto nos sugerem noções de hibridismo e sincretismo étnico e religioso ou um encontro ideal entre nações, raças e religiões – tal como se apreçoava nos discursos inaugurais de congressos ou exposições universais que proliferaram na segunda metade do século XIX, incluindo aqueles onde Gubernatis e Gerson da Cunha participaram –, os textos que descrevem a preparação da fotografia revelam os conflitos mais ou menos assumidos por aqueles que foram fotografados, mas também por aqueles que não chegaram a ser fotografados. É que, como veremos mais adiante, a fotografia resultara de negociações que foram integrando ou excluindo as personagens que deviam ser fotografadas.

Para além de Gubernatis, Bhagvanlal Indraji fora o único fotografado que estivera sempre lá, ou seja, tanto na fotografia planeada como na concretizada. Quando Gubernatis chegou à Índia, já tinha ouvido falar naquele «douto e santo brâmane» especialista em sânscrito, epigrafia e numismática. Sabia que as suas capacidades de leitura já tinham sido muito úteis a orientalistas ingleses, alemães e holandeses e que a Universidade de Leiden o tinha incluído entre

⁸ BNCF, Manoscritti, Carteggio Angelo De Gubernatis, Carta de José Gerson da Cunha, n.º 39 (Bombaim, Hornby Road, 5 de Novembro de 1885).

os seus doutores. Em Bombaim, Bhagvanlal Indraji tornara-se num dos seus acompanhantes mais próximos e no seu principal interlocutor com a Índia sagrada. Fora Bhagvanlal que, logo no princípio de Outubro, pouco tempo depois da sua chegada à Índia, acompanhara Gubernatis na encomenda de um «fato brâmane» parecido com aquele que ele próprio usava.⁹

Enquanto a ida ao estúdio fotográfico aguardava que o fato sacerdotal de Gubernatis estivesse pronto, foram surgindo outros possíveis retratados: em primeiro lugar, um advogado brâmane que Gubernatis conhecera no salão literário de Gerson da Cunha, Çanta-Râm Narâyana. A sua filha, grávida, que recitara em honra de Gubernatis o célebre poema *Shakuntala* também «se fará fotografar comigo, em traje brâmane».¹⁰ A própria mulher de Gerson da Cunha, D. Ana Rita, ao saber da possibilidade de poder ter outra mulher a acompanhá-la, também se manifestou interessada em fazer parte do retrato, vestida de brâmane.¹¹ Mas, tal como escreveu Gubernatis, quando «tudo devia estar preparado, em breve, para a nossa representação brâmane em frente à máquina fotográfica», começaram a surgir os problemas.

Passado o entusiasmo inicial, a mulher de Gerson da Cunha arrependera-se da sua decisão. Afinal, não queria ser fotografada. Mas também não queria que o marido o fosse. Provavelmente, como Gubernatis deixou escrito no seu diário íntimo, o padre confessor proibira-a de se fazer fotografar ao lado de «indianos».¹² Porém, no relato de viagem publicado por Gubernatis, a «culpa» desta mudança de opinião deixou de ser atribuída ao padre confessor para passar a ser projectada num catolicismo mais generalizado que também passava pelo medo dos comentários que a fotografia poderia suscitar em Goa.¹³ A imagem de três católicos – Gubernatis e o casal Cunha – vestidos de brâmanes seria motivo de gozo para a sua família goesa, argumentara D. Ana Rita. O problema não era tanto o de os católicos serem fotografados vestidos de brâmanes, «*per burla*», mas sim o de o fazerem

⁹ BNCF, Manoscritti, Angelo De Gubernatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fl. 77.

¹⁰ BNCF, Manoscritti, Angelo De Gubernatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fl. 74v.

¹¹ BNCF, Manoscritti, Angelo De Gubernatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fls. 90v.-91.

¹² BNCF, Manoscritti, Angelo De Gubernatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fls. 90v.-91.

¹³ De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. I.,., 87.

misturados com brâmanes verdadeiros. Perante este novo cenário, Gerson da Cunha também mudara de ideias e decidira não ser fotografado ao lado do italiano e dos outros indianos. Aparentemente fê-lo por motivos religiosos mas, segundo Gubernatis, a verdadeira razão estivera na enorme influência que a mulher tinha sobre ele. Gubernatis tinha dificuldade em compreender esta incompatibilidade: afinal tanto Gerson da Cunha como a mulher possuíam «antigo sangue brâmane» e Gubernatis pensara que eles podiam assumir a sua casta sem ofender a sua religião. Quando Gerson da Cunha sugeriu que fosse feita uma outra fotografia, apenas com os católicos, Gubernatis recusou-se a participar nesta dupla representação segundo critérios religiosos. Não tinha ido à Índia para se fazer fotografar entre católicos.

Mesmo na versão publicada deste episódio, as suas *Peregrinazioni Indiane*, Gubernatis manifestou o seu profundo desacordo com D. Ana Rita, a quem se referia sempre como a «Senhora Da Cunha»: a fotografia nada tinha de jocoso, as vestes de brâmanes eram sagradas, e fora com orgulho que se fizera representar entre «verdadeiros indianos» daquela qualidade. A «debilidade» de D. Ana Rita tinha sido querer «passar por europeia».¹⁴ Claramente, Gubernatis lidava mal com uma identidade individual que considerava demasiado híbrida, numa atitude muito semelhante à de Isabel Burton, mulher do famoso viajante e escritor Richard Burton, a conviver com as elites goesas.¹⁵ Tanto o italiano como Isabel Burton estavam preparados para ver e para aceitar a *diferença* indiana. Mas, quando reconheciam nos «indianos» trajés, gestos ou tradições provenientes da Europa – como no caso dos goeses católicos que Isabel Burton conhecera em Pangim, ou no caso da mulher de Gerson da Cunha com quem Gubernatis convivera em Bombaim –, tinham dificuldade em lidar com a semelhança imbuída na categoria de diferença racial. Quando os «outros» se tornavam iguais, ou demasiado parecidos com o «nós», as expectativas dos viajantes eram abaladas na sua procura de uma indianidade «verdadeira».

A animosidade sentida contra a mulher de Gerson da Cunha levou Gubernatis a atribuir-lhe outras culpas: ao auto-excluir-se da fotografia, D. Ana Rita também fizera com que fosse excluída a

¹⁴ BNCF, Manoscritti, Angelo De Gubernatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fls. 90v.-91.

¹⁵ Isabel Burton, *AEI: Arabia, Egypt, India: A Narrative of Travel* (Londres e Belfast: William Mullán and Son, 1879), 302-305.

outra mulher que estava para ser fotografada, a filha do advogado hindu amigo de Gerson da Cunha.¹⁶ Já que a fotografia misturaria católicos e hindus, então que fossem todos «doutos», afirmara. E apesar de a filha do advogado hindu ser uma das quinhentas mulheres em toda a Índia capaz de recitar o *Shakuntala*, como dissera o seu pai orgulhoso, o seu género feminino, reforçado pela sua gravidez evidente, excluiu-a da categoria de «douta». Mas afinal quem eram os doutos, questionava um Governatis irónico, na intimidade do seu diário manuscrito? Segundo ele, apenas Bhagvanlal Indraji entrava nesta categoria.¹⁷

Nesse sentido, apesar de na imagem nada nos remeter para questões de género – as mulheres não estão lá, nem sequer como uma ausência notada –, os textos revelam como elas também fizeram parte das negociações de pertença ao grupo. O género podia cruzar-se com a categoria religiosa, católica ou hindu, ou mesmo de casta, mas, quando a prerrogativa de «saber» passou a constituir-se num dos critérios, então as mulheres foram excluídas da possibilidade de representação fotográfica. Mesmo que esta exclusão, segundo Governatis, tivesse origem na decisão tomada por uma outra mulher. Vemos, assim, como as categorias de inclusão ou exclusão da fotografia se vão modificando: os textos revelam como estiveram em jogo questões de género, de religião, de casta e de raça, mas também como, no fim, uma vaga ideia de saber comum acabou por se sobrepor. «Veremos como acabará esta farsa», lamentava Governatis, sentindo-se impotente perante as consequências inesperadas da decisão de tirar uma fotografia vestido de brâmane.

O quarto retratado, Shyamaji Krishnavarma (Kathiawar, 1857-1930), que por acaso estivera em casa de Gerson da Cunha um dia antes de a fotografia ser feita, também integrava a categoria de erudito, além de ser brâmane e hindu.¹⁸ Governatis conhecera-o uns anos antes, quando Krishnavarma participara no Congresso Internacional de Orientalistas de Berlim, em 1881, enquanto espe-

¹⁶ BNCF, Manoscritti, Angelo De Governatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fl. 99.

¹⁷ BNCF, Manoscritti, Angelo De Governatis [II, IV, 674], *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886, fl. 99.

¹⁸ Rozina Visram, *Asians in Britain: 400 Years of History* (Londres: Pluto Press, 2002), 150-152; Indulal Yajnik, *Shyamaji Krishnavarma: Life and Times of an Indian Revolutionary*, pref. de Sarat Chandra Bose (Bombaim: Lakshmi Publications, 1950).

cialista de filosofia e religião veda. A sua relação com Gerson da Cunha era mais antiga. Em 1879, enquanto jovem promissor mas praticamente desconhecido, Krishnavarma fora secretário particular e professor de sânscrito do intelectual goês.¹⁹ Quando surgira a oportunidade de ir ensinar para Oxford como assistente do famoso sanscritista Sir Monnier Williams, Gerson da Cunha, querendo ser um «humilde obreiro da regeneração do meu infeliz país», emprestara-lhe dinheiro para a viagem – uma «pequena contribuição material para o adiantamento desta terra», como classificou o seu gesto.²⁰ Na altura da fotografia, em 1885, o Krishnavarma que voltara havia pouco de Inglaterra já não precisava de classificar a colecção de numismática indiana de Gerson da Cunha para sobreviver. Aproveitara a estadia britânica para estudar direito no Balliol College, tendo sido o primeiro indiano a completar um M. A. em Oxford e, em 1884, já se encontrava na Índia a exercer como advogado no tribunal de Bombaim.²¹ Entretanto, também se casara com a filha de um rico mercador de Bombaim, tendo sido nomeado primeiro-ministro do rei de Rutlam, antes de regressar definitivamente a Inglaterra em 1897.

¹⁹ Krishnavarma terá dado aulas de sânscrito a Gerson da Cunha durante os primeiros seis meses de 1878. A estima que o aluno tinha para com o seu professor está patente na carta de recomendação que Gerson da Cunha lhe escreveu: «Ainda não conheci um Pândita tão profundamente letrado nas particularidades da gramática Sânscrita como o é o professor Shyamaji [...]. A sua postura sempre foi, desde que o conheci, a de um Senhor. E apesar de ser ainda muito jovem, a sua aprendizagem e comportamento correcto fazem com que, apesar da sua juventude, tenha pela frente uma esplêndida carreira. Tenho um afectuoso interesse no seu bem-estar, e o seu sucesso na vida irá agradar-me tanto como aos seus muitos amigos influentes que se encontram em todas as cidades da Índia ocidental (31-7-1978)» (Yajnik, *Shyamaji Krishnavarma...*, 27).

²⁰ Segundo a versão de Gerson da Cunha, também recontada por Gubernatis, um dia, Krishnavarma entrara em sua casa com os olhos cheios de lágrimas. O professor Monnier Williams oferecera-lhe cama e mesa em Oxford a troco das suas aulas, mas ele não tinha dinheiro para a viagem. Nas palavras do biógrafo de Shyamaji Krishnavarma, este teria estabelecido uma excelente relação com Gerson da Cunha: «Este bom médico esteve ao seu lado num momento especialmente crítico da sua vida.» Depois de pedir, sem sucesso, a muitas pessoas, organizações e instituições, dinheiro para pagar a sua viagem para a Europa, fora Gerson da Cunha e a sua mulher que o ajudaram: «Quando tudo parecia estar perdido, Shyamaji voltou a poder contar com a relação mais íntima da sua vida. Ele pediu emprestado algum dinheiro à sua mulher que, tal como sempre aconteceria, permaneceu fielmente ao seu lado. E mais, ele pediu dinheiro emprestado ao doutor e à senhora De Cunha» (Yajnik, *Shyamaji Krishnavarma...*, 27: 34-35); BNCF, Manoscritti, Carteggio Angelo De Gubernatis, Carta de José Gerson da Cunha, n.º 16 (Bombaim, Hornby Road, 17 de Março de 1879); De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. I..., 87-88.

²¹ Yajnik, *Shyamaji Krishnavarma...*, 7.

Quando finalmente chegou o dia da fotografia, Gubernatis transformou-se em objecto etnográfico de si próprio. Desde a entrada no estúdio fotográfico até ao momento em que Bhagvanlal lhe pôs o cordão sagrado e lhe fez um sinal na fronte, exclamando no final com alegria «eis um verdadeiro brâmane!», Gubernatis assumiu-se como protagonista de um ritual e observador do mesmo.²² Os leitores italianos do popular jornal *La Nazione* puderam ler uma notícia da cerimónia, antes dos leitores da *L'Illustrazione Italiana*.²³ No principal jornal da sua cidade de adopção, Gubernatis resumiu, num pequeno texto, o seu processo de nativização encarnado na cerimónia de investidura e o modo como se tornara *igual* aos indianos para melhor os poder estudar: «um destes brâmanes doutos, considerando-me um brâmane à semelhança deles próprios, colocou-me, com todas as fórmulas sagradas, o cordão sagrado, que faz de mim um verdadeiro pândita indiano. Assim, vivendo no meio deles, estudo-os e observo com pormenor tudo aquilo que me interessa conhecer desta vida religiosa.»

Na descrição íntima da investidura, Gubernatis expôs a sua ambivalência religiosa e a forma como, sem deixar de ser cristão, acolhera também a sua nova condição bramânica, venerando Brama como Cristo.²⁴ Nas versões publicadas desta cerimónia, por outro lado, Gubernatis sentiu a necessidade de reafirmar o seu cristianismo de um modo muito mais claro perante os leitores. Nascera cristão e como tal queria morrer mas, como se justificou, a possibilidade de ser consagrado brâmane por alguém como Bhagvanlal constituía uma enorme honra para um indianista que tanto admirava a Índia.²⁵ Também fez questão de sublinhar a seriedade do evento: aquilo que para outros poderia significar uma simples brincadeira era, para ele, uma bênção solene que anunciava a sua peregrinação pelas regiões sagradas da Índia.

Porém, se nos seus textos narrou minuciosamente todos os gestos e orações de Bhagvanlal, a fotografia, que o colocou entre iguais, afastou-se da acção para se assumir como um retrato clássico onde todos estavam a posar. Habitualmente, os estúdios fotográficos tinham uma sala onde os fotografados se podiam preparar

²² De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. I..., 89.

²³ Angelo De Gubernatis, «Un italiano in India. Bombay, 14 ottobre», *La Nazione*, 6 de Novembro de 1885, 2.

²⁴ BNCF, Manoscritti, Angelo De Gubernatis, *Relazioni del suo viaggio nell'India*, autogr., 1885-1886 [II, IV, 674], fls. 101v.-102v.

²⁵ De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. I..., 90.

para o momento da fotografia. A ideia de transformação inerente a estes espaços surgia, neste caso, como uma metáfora literal marcada pela modernidade oitocentista: uma cerimónia religiosa hindu a ter lugar num estúdio fotográfico.

Na viagem à Índia de Gubernatis, a cerimónia de investidura bramânica e a fotografia que a provava marcaram, assim, a transição entre Bombaim, uma espécie de antecâmara iniciática, e a outra Índia onde ele, sozinho, se assumiria como um «peregrino da ciência». Literal e metaforicamente, Bhagvanlal despiu-o das suas vestes europeias e vestiu-o, com lentidão e delicadeza, com as suas novas vestes indianas e com o cordão sagrado.²⁶ Segundo a tradição, não era lícito que um homem (só os homens podiam fazê-lo) se dedicasse à leitura dos Vedas e a rituais sagrados sem antes ter recebido o cordão sagrado que se usava junto ao corpo, sob as vestes. Ao legitimar a sua posição enquanto especialista da religião hindu, o uso do cordão facilitava-lhe o acesso a espaços sagrados, a personagens religiosas, e até à aquisição de peças para o museu que pretendia constituir em Florença. Quando, num momento da viagem, os brâmanes de um templo lhe disseram que não era possível ele comprar uma abóbora em forma de ídolo, Gubernatis descobriu o peito e mostrou-lhes o cordão sagrado. Mudaram de atitude imediatamente, presenteando-o com sândalo e com um passarinho e um leque de papel e, a troco de umas rupias, até lhe entregaram a abóbora que ele queria levar para o museu florentino.²⁷

Como o próprio Gubernatis veio a verificar durante a sua viagem, o facto de um cristão se vestir de brâmane ou, pelo menos, assim se fazer representar, não era um acto assim tão inusitado. Na igreja jesuíta de Madurai, observou dois retratos de dois missionários italianos vestidos de brâmanes, um deles do famoso De Nobili.²⁸ Num texto escrito uns anos antes, Gerson da Cunha referira como De Nobili fora obrigado a justificar as suas estratégias hindus utilizadas na conversão perante o sínodo de Goa de 1618.²⁹ O historiador goês remeteu o leitor para uma gravura existente na Biblioteca Nacional de Nova Goa que representava precisamente De Nobili vestido de brâmane, e referiu-se à imagem como um

²⁶ De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. I..., 88.

²⁷ Angelo De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. II, *India Meridionale e Seilan* (Florença: Tip. Editrice di L. Niccolai, 1887), 74-75.

²⁸ De Gubernatis, *Peregrinazioni Indiane*, vol. II..., 263-264.

²⁹ Cunha, *The Konkani Language...*, 38.

exemplo da influência do hinduísmo, entre aqueles cristãos empenhados em transmitir ideias europeias aos nativos da Índia.

A gravura baseava-se, muito provavelmente, nos quadros que Gubernatis encontrou, mais tarde, na igreja de Madurai que, por sua vez, já eram cópias dos originais que se encontravam em Roma, onde tinham sido realizados por pintores locais. Gubernatis lamentou profundamente não ter consigo uma máquina fotográfica «para levar comigo aqueles dois retratos, que seriam um ornamento tão digno do Museu Indiano de Florença».³⁰ Com esta duplicação de representações possibilitada pela fotografia, Gubernatis teria podido transportar para Florença uma prova de sincretismo religioso, ao mesmo tempo que legitimava o seu próprio gesto em se vestir de brâmane perante o público italiano. Se os missionários o faziam, também ele, missionário da ciência e do saber, o podia fazer.

Quando finalmente Gubernatis inaugurou o Museu Indiano de Florença em 1886 com o espólio que trouxera da viagem, todos os elementos que tinham feito parte da cerimónia religiosa que antecederam a fotografia transformaram-se em objectos de museu, expostos ao lado de outras relíquias e das peças muçulmanas, cristãs e hindus que ocupavam uma das vitrinas. Uma das entradas do catálogo do Museu Indiano identificava o «fato completo de brâmane, com turbante, cordão sagrado, *uttariya*, etc., usado por um Pândita da Itália no dia da sua investidura em Bombaim», enquanto outra legenda descrevia os «fios e o sândalo que foram usados a 10 de Outubro de 1885 na consagração de um novo brâmane em Bombaim».³¹ A entrada do catálogo não referia o nome de Gubernatis, mas nem precisava de o fazer, pois todo o museu era indissociável da sua viagem.